

# Há uma gralha no meu texto!

## – da *typographia* às a√es numa revisão... devida

JOANA ABRANCHES PORTELA\*

PALAVRAS-CHAVE: Edição, Galhas, Provas, Tipografia, Revisão de texto, Revisor.

KEYWORDS: Editing, Misprint, Proofs, Typography, Proofreading, Proofreader.

### 1. Folha de rasto

Um curso deixa um ... rasto no nosso percurso. É um rosto, ou dois, também.

O curso de Mestrado em Estudos Editoriais (MEE) da Universidade de Aveiro, cuja primeira edição frequentei, em 2007-2009, imprimiu uma nova página na minha vida (*não, é melhor reformular isto, para evitar o cliché*): imprimiu novos caracteres na minha vida. Literalmente! Assim que concluí o mestrado – quase em simultâneo com o nascimento da minha filha –, optei por deixar a editora onde trabalhara como assistente de edição e arrisquei tornar-me revisora de texto *freelancer*, fazendo desta profissão ~~de risco~~ a minha actividade laboral. Estou, desde então, em teletrabalho a tempo inteiro. Como escreve Monteiro (2009), «ser revisor de textos como principal ocupação profissional é ter uma vida diferente. É ver menos pessoas do que na maior parte dos outros trabalhos. É estar em casa grande parte do tempo. É não ter horários, mas prazos».

Ter prazos, em vez de horas extras numa editora, foi um argumento de peso ao ponderar os pratos da balança trabalho/família, pactos sempre difíceis de conciliar. Desde o início de 2010, portanto, que labuto neste ofício de

\* Mestre em Estudos Editoriais pela Universidade de Aveiro, doutoranda em Artes e Técnicas da Paisagem na Universidade de Évora. Bolseira de investigação no projecto Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental.

“empregado de limpeza”<sup>1</sup> dos textos, trabalhando para várias casas editoriais, universidades, centros de investigação, instituições públicas, jornais, ONG e clientes particulares – com preço à hora ou à página de 1800 caracteres! E já lá vai mais de uma década desde que, nas aulas de Gestão Editorial, aprendi sobre nichos de mercado e a estratégia da cauda longa aplicada à edição, um conceito então novo para mim, mas cuja cauda vem deixando o seu rasto.<sup>2</sup> Fazendo uma revisão de vida, concluo que, no meu caso, *The Long Tail*<sup>3</sup> se tem revelado *a long tale!*

Contar essa história (*seria melhor escrever fábula, com tanto gato e galha?*) em jeito de testemunho, revendo uma década de labor leitor e de desafios como revisora, foi o repto lançado, à laia de isco, pela organizadora deste volume temático da *RUA-L*. Um isco que pressupõe um risco: o de este texto ser uma autêntica gralhada dissonante numa revista académica (*convém fazer já esta advertência ao leitor*). Mas, como escrevi no *incipit*, um curso deixa um rosto, ou dois, no nosso percurso, e o da Professora Cristina Carrington continua a ser o rosto entusiástico do MEE, gravado a alto-relevo no fólho da nossa memória afectiva. Morder o risco e aceitar o seu convite é uma gratidão... devida.

<sup>1</sup> A expressão é do editor José Carlos Alfaro (2009: 40), no título de um artigo sobre a revisão no processo editorial: «Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor)». No corpo do texto, o editor escreve ainda: «Tido (mais ou menos conscientemente) como o degrau mais baixo da escala... ‘criativa’, o revisor limpa a grande ‘obra’, vela para que o autor ou o tradutor não caiam no ridículo, acaba mesmo por o(s) salvar em muitas situações».

<sup>2</sup> Os nichos de mercado e a estratégia da cauda longa também se aplicam no meu “negócio”, embora só me tenha apercebido disso numa visão retrospectiva: um nicho de mercado que procura os meus serviços são os clientes particulares angolanos, alguns a estudar em Portugal ou com aspirações a escritores na Lusofonia. Quanto à “minha” cauda longa é, sem dúvida, aquele primeiro doutorando angolano que, em 2010, me contactou para a revisão da sua extensa tese e que, desde então, me solicita, todos os anos, novas revisões (os trabalhos são pouco extensos, mas muito frequentes), quer para si, quer para amigos. Além disso, este pioneiro tem “angariado” para os meus serviços, por sua iniciativa, novos clientes em Angola ou na diáspora. Está, assim, internacionalizado o meu negócio de limpeza textual através de divulgação *word-of-mouth*, como aprendi em Marketing Editorial!

<sup>3</sup> Anderson, C. (2006), *The Long Tail: Why the Future of Business Is Selling Less of More*, New York: Hyperion.

## 2. Bicha técnica

A revisão de textos – uma função bem definida do processo editorial – é um ofício de bastidores, não de frontispícios. Na maior parte das vezes, nem se dá pela sua existência. Como profissão, é tão desconhecida do público quanto dos formulários digitais: nenhuma das opções predefinidas reconhece a existência de revisores que não sejam “oficiais de contas”,<sup>4</sup> Há um pequeno texto do jornalista e revisor Manuel Matos Monteiro (2009), já citado *supra*, que exprime bem o lugar escondido a que tem sido relegada (*ou renegada?*) esta profissão:

Quem se aventura na revisão deve estar preparado para conviver com a ingratidão. Porque o revisor sabe o quão diferentes são os livros antes de passarem pelas suas mãos. E, contudo, eles têm apenas um lugar minúsculo reservado para si na ficha técnica (quando têm). Ao contrário de um tradutor, o nome do revisor não constitui um chamativo da obra, apesar do acréscimo de valor que dá aos livros que cinzela.

Quando, em 2010, me aventurei na revisão, tive a sorte dos principiantes enquanto colaboradora externa da editora Civilização: como revisora, o meu nome vinha referido na ficha técnica! O convívio duradouro com a ingratidão chegaria mais tarde, noutros grupos editoriais.<sup>5</sup> Os vários trabalhos que fiz para a Civilização foram, sobretudo, de revisão de obras literárias traduzidas. Cabia-me a revisão das primeiras e das terceiras provas tipográficas, ficando a revisão das segundas a cargo de outro revisor. Foi, sem dúvida (*e sem dívida...*) uma experiência altamente pedagógica para mim: quando recebia as terceiras provas, para as confrontar com as emendas das segundas, eu apercebia-me das minhas omissões anteriores, aquando da revisão das primeiras provas (revisão do granel). Ainda hoje recordo uma dessas minhas falhas no primeiro romance que revi: deixei passar como Goldilocks o nome da personagem infantil do conto

<sup>4</sup> É estrutural e sistemático: em sistema informático com opções predefinidas, seja no Portal das Finanças, seja no Portal das Matrículas ou outros congéneres, acabo sempre por ser formatada como “tradutor”, que não sou!, mas, ainda assim, é a opção menos má. Não fará falta um revisor para rever a Classificação Portuguesa das Profissões e as plataformas digitais da Administração Pública? Se há revisor de contas, porque não a opção revisor de textos?

<sup>5</sup> Em algumas editoras, esta “ingratidão” não se manifesta apenas na omissão do nome do revisor na ficha técnica, mas também na ausência de um exemplar de cortesia da obra revista. O polimento que o revisor dá ao texto é, em muitos casos, directamente proporcional à falta dele no trato da editora para com o seu colaborador.

tradicional *Caracóis de Ouro e os Três Ursos*, que era mencionado na obra. Felizmente, não escapou ao outro revisor! Tempos depois, vim a descobrir que o “princípio Caracóis de Ouro”<sup>6</sup> também se pode aplicar ao trabalho de revisão de texto.

Aprendi muito, pois, com este método de trabalho em dupla de revisores, mesmo sem nunca ter trocado falas – somente sinalefas – com o colega. Aprendi não só com os erros alheios, mas sobretudo com as minhas próprias falhas de revisão, particularmente ao nível da composição gráfica. Recordo-me que, no início, me escapavam, sem as assinalar nas primeiras provas, várias linhas viúvas, órfãs e enforcadas, ou artigos definidos em fim de linha, que era necessário recorrer. Mas o que me escapava a mim, na revisão do granel, não passava sem emenda do outro revisor nas segundas provas. A revisão era, portanto, feita a quatro olhos e duas mãos, e o nome de ambos os revisores figurava sempre na ficha técnica. E, semanas depois, recebíamos um exemplar de cortesia da pós-produção!

(*Inserir agora um parêntesis no discurso, para não abusar das notas de rodapé.*) Foi precisamente numa destas obras publicadas pela Civilização – cujo título não vou referir por questões de deontologia profissional<sup>7</sup> – que me deparei, nas primeiras provas, com um desafio de ordem técnica, ao nível dos registos de língua: na tradução portuguesa que tinha em mãos para rever, as prostitutas e personagens do submundo do Bronx invectivavam com a polidez da 5<sup>th</sup> Avenue nova-iorquina! A linguagem popular e coloquial e o calão urbano do original inglês tinham sido vertidos (*vestidos?*), pela tradução, numa linguagem cuidada e impoluta. Ora, na revisão linguística, cabe também ao revisor detectar eventuais incoerências. Por vezes, é preciso uma intervenção mais funda e fazer até a conversão da linguagem (*em vernáculo diz-se “fazer bater a bota com a perdigota”*). Na terminologia técnica e nos *flats* de luxo de Manhattan, certa

<sup>6</sup> Princípio de “a quantidade ideal”, por analogia ao conto infantil em que a menina Caracóis de Ouro prova três tigelas diferentes de sopa e prefere a que não é nem muito quente nem muito fria, mas que tem a temperatura ideal.

<sup>7</sup> Não resisto a mais uma nota de rodapé para citar os pensamentos de um colega de ofício, ainda que personagem ficcional (Saramago, 2014: 50-51): «um revisor é uma pessoa séria no seu trabalho, não joga, não é prestidigitador, respeita o que está estabelecido em gramáticas e prontuários, guia-se pelas regras e não as modifica, obedece a um código deontológico não escrito mas imperioso [...]. Em tantos anos de honrada vida profissional, jamais Raimundo Silva se atrevera, em plena consciência, a infringir o antes citado código deontológico não escrito que pauta as acções do revisor na sua relação com as ideias e opiniões dos autores.»

personagem até poderá ser um denotativo *homossexual*; mas nas ruas e nas bocas do Bronx seria certamente uma conotativa *bicha*! Chama-se a isto coerência textual: ali estava um exemplo daquele conceito aprendido nas aulas de Revisão de Texto.

Deixemos as ruas do Bronx e retomemos (*retornemos?*) a ficha técnica. A omissão intencional dos créditos do revisor é mais comum do que se possa imaginar. Na maioria dos casos, trata-se de uma opção editorial, não é fruto de modéstia ou opção do revisor. Atrevo-me até a dizer que quanto mais sonante o nome da editora, maior o anonimato dos intervenientes no processo editorial, ainda que dediquem largos meses e mesas de trabalho a um livro.

Ao longo de dez anos de trabalho, revi umas boas dezenas de manuais escolares e respectivo material de apoio, uma tipologia de edição muito exigente em termos de revisão, porque implica uma constante multiplicidade de focos de atenção – uma atenção sincrónica e diacrónica – e sobretudo a permanente verificação da coerência, consistência e concordância entre conteúdo textual e conteúdo visual, entre texto e paratextos,<sup>8</sup> entre manual e infundável material de apoio (para professores e para alunos). É uma tipologia de edição em que todas as botas têm de bater com as respectivas perdigotas, em que todas as perguntas A-B-Cês têm de bater certo com as respectivas respostas 1-2-3. Detectei erros de ortografia, de gramática, de correspondência e de conteúdo em manuais de diversas disciplinas, reformulei parágrafos, corriji informações erradas e salvei até alguns autores de situações embaraçosas (*cala-te boca!*), mas todo o crédito é para os autores e, quando muito, para os revisores científicos. Nem na ficha técnica há lugar discreto para os revisores. Como profissão, não existimos; como profissionais, poucas vezes somos reconhecidos. Ofício de bastidores (*em sentido teatral e figurado*<sup>9</sup>)!

<sup>8</sup> Na revisão de manuais escolares, uso aquilo a que poderemos chamar a técnica de *zoom in* e *zoom out* óptico e mental. Recorro novamente ao texto supracitado de J. C. Alfaro para ilustrar o que pretendo dizer: «Além de ter de possuir um excelente domínio da língua portuguesa, um revisor necessita de conhecer as regras tipográficas e de possuir capacidades de atenção excepcionais (com grande agilidade, em constantes movimentos de *zoom*, tem de voar do geral para o particular – precisa de dissecar, de isolar a árvore no meio da floresta –, para, logo de seguida, regressar à macroestrutura da frase).»

<sup>9</sup> Bastidores (*figurado*) plural: aspectos secretos de uma organização, empresa ou instituição que são desconhecidos da opinião pública; segredos. bastidor in *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa* [em linha]. Porto Editora. URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bastidor>.

No entanto, devo reconhecê-lo, houve um ou outro caso, em editoras com padrões de qualidade mais duvidosos, em que eu própria solicitei que o meu nome não figurasse na ficha técnica. Porque o revisor que se preza tem uma reputação de credibilidade e profissionalismo a defender. E há por aí editoras e autores com certas idiossincrasias... dúbias! Há quem queira, por exemplo, que a revisão linguística siga o AO 90 em algumas palavras... mas não em todas! Aconteceu-me, há tempos, ter um pedido de revisão segundo o novo Acordo Ortográfico,<sup>10</sup> que eu deveria seguir à risca, sacrificando com o vermelho-sangue do *deleatur* consoantes mudas e acentos... excepto no imperativo *pára*, em que o AO 90 obrigaria a decapitar o diacrítico. Esse – foi a indicação que recebi – devia ser poupado e mantido na velha grafia. Seria um daqueles casos em que, no miolo, uma personagem dizia algo como: “Pára para pensar!” e, na capa do livro, um autocolante redondinho garantia que a obra estava “conforme novo acordo ortográfico”!

Ora, mesmo não sendo partidária do novo Acordo Ortográfico, lido mal com estes pedidos abstrusos de, no mesmo texto, ora seguir... ora não seguir... as convenções, seja na antiga ou na nova grafia. Por isso, quando o cliente editorial me solicita dualidade de critérios de revisão (*acontece!*) ou quando não tenho acesso à revisão final, a das últimas provas tipográficas – e os paginadores nem sempre são de absoluta confiança na interpretação da sinalefa –, prefiro que o meu nome não figure na ficha técnica, não vá dar-se o caso de a nódoa no texto vir a manchar a reputação do revisor... Sim, porque os autores estão, normalmente, ilibados destas diminutas minudências e, como sugere Monteiro (2009), «a profissão que mais se aparenta com a do revisor é a do árbitro de futebol. Estranha comparação, dir-se-á em primeira análise. A verdade é que o único aspecto visível do trabalho de ambos é o erro. Dá-se pela existência de tais officios apenas quando eles falham.»

<sup>10</sup> Desde 2010 que revejo em ambas as grafias, na nova e na antiga. Pessoalmente, escrevo sempre no antigo acordo (AO 45), por discordar dos argumentos e critérios do AO 90. Profissionalmente, não sou objectora de consciência – a revisão é o meu ganha-pão – e limito-me a seguir, com profissionalismo, a preferência ortográfica do cliente. Ainda que hoje a maior parte dos pedidos seja para rever segundo o novo acordo, há autores e instituições que ainda requerem, em 2020, o texto revisto na anterior grafia.

### 3. Epígrafe

Os senhores autores vivem nas alturas, não gastam o precioso saber em despiciências e insignificâncias, letras feridas, trocadas, invertidas, que assim lhes classificávamos os defeitos no tempo da composição manual, diferença e defeito, então, era tudo um.

José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*

Serve-me esta epígrafe três propósitos distintos: convocar a inspiração (*escrevemos sempre sobre os ombros de gigantes!*), evocar (*com e inicial*) um memorável revisor de provas e invocar (*agora com i*) uma autoridade na matéria.

Não sendo lapidar nem altissonante, serve-me a prosaica e modesta epígrafe – sobre letras feridas, trocadas e invertidas – para recordar aqui a epifania que foi, para mim, durante o MEE, a descoberta da arte da *typographia*. A disciplina de Design Editorial foi, sem dúvida, a mais desafiante e mais profícua para quem, como eu, proveniente das Humanidades e das Letras, não tinha nessa altura (*X-height, ainda me lembro!*) quaisquer competências ou conhecimentos ao nível das artes visuais. *Thinking with Type*,<sup>11</sup> coerência visual entre forma de letra e conteúdo, sintonia gráfica entre significado e significante, crimes tipográficos (*além dos ortográficos*) – foram lições apreendidas (*sim, sim, com dois ee, não vá o leitor pensar que foram só aprendidas*) e que viriam a revelar-se, mais tarde, determinantes no meu trabalho como revisora de texto. Literalmente, aprendi a ler as entrelinhas!

Poderá até parecer contraditório para um revisor, com olho clínico para o defeito e mão cirúrgica para a emenda, mas reconheço que foi ao estudar a anatomia da letra, as fontes serifadas e não-serifadas, o maravilhoso mundo novo – itálico, romano, helvético – da tipografia que descobri que, afinal, uma *gaffe* nem sempre será uma *gaffe*, que defeito e diferença não são tudo um. Pergunto: a palavra buraco não fica muito mais eloquente quando grafada assim: bu aco? Ou o conceito de diferença não é mais loquaz se escrito diferença? (*talvez o leitor precise de aplicar aqui a técnica do zoom in ou de voltar atrás para ler as notas de rodapé...*). Não é defeito, não é enfeito: é efeito! Que o digam os revisores especialistas em vestir os textos com linguagem inclusiv@.

<sup>11</sup> Livro e site de Ellen Lupton, fontes de referências frequentemente consultadas na disciplina de Design Editorial. URL: <http://thinkingwithtype.com/>.

Por causa das imensas potencialidades expressivas da tipografia,<sup>12</sup> das coniventes (*e convincentes*) possibilidades de letras advertidamente trocadas e divertidamente invertidas, a minha tentativa, enquanto revisora, é precisamente a de criar maior sintonia gráfica entre tipo e texto, introduzir a tal diferença tipográfica que ressalta o valor semântico da palavra, numa espécie de entrelaçamento quântico entre significante e significado. Mas estas liberdades de transpor as convenções ortográficas são esperadas dos *designers*, não dos revisores... É pena, porque uma estreita co-laboração entre ambas as funções poderia ser altamente profícua e criativa para o espírito da letra e o projecto editorial.

Só uma vez tive esta oportunidade de trabalhar em sincrónica sintonia com a *designer* de um projecto editorial, porque não resisti, durante a revisão de provas da entrevista a Cesariny (o texto a publicar em livro), a introduzir, como *bullet* numa enumeração, a marca † antes do nome de cada artista/companheiro falecido, numa secção intitulada “obituário”. Não foi grande a ousadia, mas a *designer* gostou do atrevimento e da ideia, que aproveitou, e acabou mesmo por me pedir que colaborasse com ela na resolução tipo-*craft*-ica de alguns escolhos – que acabariam por se converter em escolhas – daquele projecto editorial sobre um ícone do surrealismo português.

Retornemos à epígrafe (*novo zoom in para confirmar que é mesmo rn e não a letra m*<sup>13</sup> na palavra inicial). Levava eu já uns anos como revisora, quando li, pela primeira vez, sobre a ousadia do revisor Raimundo Silva, que reescreveu a História do Cerco de Lisboa (*neste caso, o título é mesmo para grafar em redondo, sem itálico, não vá o leitor confundir a obra do revisor com a do próprio Saramago!*). Na altura, Saramago não era, para mim, um autor que me fosse agradável ler, porque – também como mera leitora – me irrita, em qualquer autor, a sucessão quase ininterrupta de vírgulas, num ritmo monocórdico, quando dispomos de uma galeria tão expressiva de sinais de pontuação mais adequados como

<sup>12</sup> Tipografia – Criação de caracteres para uso em impressos • Arte de compor e imprimir, reproduzindo o texto por meio de caracteres [...] • Arranjo ou estilo de texto tipográfico. (*Dicionário do Livro*).

<sup>13</sup> O mercado editorial faz circular por aí muito “corno” que devia ter sido, atempadamente, corrigido para “como” por um olho humano. É no que dá recorrer a *software* OCR (*optical character recognition*), utilizado para fazer o reconhecimento de caracteres a partir de um ficheiro de imagem. Muitas editoras dispensam revisão e revisores, mas a acuidade visual do revisor pouparia muitos vexames a quem tem nome na praça... É, em vez de tanta “urna” pelos textos, a espalhar algo de funesto pelas frases, talvez se encontrasse apenas “uma”, de vez em quando.

marcadores prosódicos, capazes de exprimir as variações melódicas do discurso e do pensamento.

Apesar da monotonia da pontuação, atraiu-me para a leitura de Saramago a ideia de um romance cujo protagonista era um colega de profissão, um revisor de provas tipográficas. E, em muitos gestos da rotina do ofício e até nos solilóquios mentais, senti-me projectada naquela personagem tão finamente cinzelada pelo buril do nobel. Tal qual! – pensei muitas vezes, como acontece nesta conversa entre o revisor Raimundo e o autor da obra que está encarregado (*não encarregue, Sr. Revisor Automático do Word*) de rever:

Considere, senhor doutor, a vida quotidiana dos revisores, pense na tragédia de terem de ler uma vez, duas, três, ou quatro, ou cinco vezes, livros que, Provavelmente, nem uma só vez o mereceriam, Fique registado que não fui eu quem proferiu tão gravosas palavras, conheço muito bem o meu lugar na sociedade das letras, voluptuoso, sim, confesso-o, mas respeitador [...]

*(Para os menos familiarizados com o estilo de Saramago, convém aqui uma advertência ao leitor: aquela letra P em caixa alta introduz a fala do outro interlocutor, o qual interrompe a frase iniciada por Raimundo. Qualquer meticuloso revisor de carne e osso, ali, ante aquele Provavelmente e aquele Fique, teria a tentação, reprimida, de acrescentar reticências, abrir parágrafo e inserir um travessão a marcar o diálogo. Mas um travessão — como deve ser, não a caganita de um hífen —, que nem sinal de pontuação é, e pulula nos livros como bonicos nos passeios! Perdoe-me o leitor esta liberdade poética e devaneio, mas neste escrito sou autora, tenho direito a essa benesse.)*

Deixemos as divagações paralelas<sup>14</sup> para voltar à tipografia (*tipologia?*) das *gaffes*. E de novo se insinua aqui, insidiosa, a praga dos hífenes. Atrevo-me a dizer que o hífen é o inimigo número 1: o revisor passa o dia em batalha com ele, a suprimir onde está a mais, a inserir onde faz falta, e a substituir hífenes travestidos de travessões. O hífen é assunto escorregadio, propiciador de deslizos, que passa entre as malhas dos correctores automáticos. Vejamos, por exemplo, como passaria despercebida ao corrector digital uma *gaffe* tão óbvia: “Dispus pela sala bocas de lobo, línguas de vaca e dentes de leão.

<sup>14</sup> «O revisor tem este notável talento de desdobrar-se, desenha um deleatur ou introduz uma vírgula indiscutível, e ao mesmo tempo, aceite-se o neologismo, heteronimiza-se, é capaz de seguir o caminho sugerido por uma imagem, uma comparação, uma metáfora, não raro o simples som duma palavra repetida em voz baixa o leva, por associação, a organizar polifónicos edifícios verbais que tornam o seu pequeno escritório num espaço multiplicado por si mesmo [...]» (José Saramago, 2014: 23).

Acabados de cortar, o aroma que exalavam era delicioso!” (*Hummm, parece-me que o cheirinho putrefacto vai atrair umas quantas gralhas-pretas a esta sala! Crrác-Crrác!*)

#### 4. Corpo do teixo

Voltemos à vaca-fria (*com hífen, sim, não se confunda com a espécie bovina referida no parágrafo anterior!*). Por causa do hífen, ou da ausência dele, acontece com demasiada frequência encontrar nos textos uma babélica confusão (*diria até: uma verdadeira fusão*) entre espécies de fauna e flora. O autor quer referir-se a uma espécie de planta e *zás!* escreve sobre a parte anatómica de um animal: «Tenho um rabo de macaco plantado num vaso». Está sempre a acontecer: com rabos, com olhos, com dentes, com bocas, com caudas, com pés e patas, que todas estas anatomias – e outras ainda – entram nos nomes compostos de plantas. Se o revisor não for convocado para repor a taxinomia e restituir as espécies à sua ordem científica, o leitor mais distraído arrisca-se a ler gato por orelha-de-lebre (*Plantago lagopus*)! Ou a tomar por troféus de caça umas espécies selvagens... de florzinhas.

É por isso que, além de dicionários, léxicos, enciclopédias, gramáticas e prontuários – nas estantes e no menu dos “favoritos” – tenho um glossário de flora sempre à mão de consultar. E, já que vem a talho de foice (*talho é palavra suficientemente polissémica para servir às vacas e às facas...*), convém registar que, até em obras de natureza científica e académica, muitas vezes o revisor se depara com a nomenclatura dos seres vivos mal grafada. Ilustro com um exemplo: o nome científico do teixo deve ser grifado assim: *Taxus baccata*, corpo da letra em itálico; o primeiro termo, o nome genérico, com inicial maiúscula e o segundo termo, o descritor específico, com inicial minúscula. É a regra para espécies de fauna e flora.

Ocorreu-me o exemplo do teixo (nome comum), espécie em extinção na Europa, por causa de um episódio escolar de tóxica revisão alheia (*e alheada!*). Desconhecendo esta espécie, aliás endémica, o professor de um dos meus filhos considerou-a – numa redacção sobre um passeio familiar ao Jardim Botânico de Lisboa – um erro de ortografia e, em vez da baga encarnada, fez aquele teixo brotar, do T, um vermelho F, enxertando assim um Freixo no corpo de um Teixo! Coitado do texto!

Vem a propósito da taxinomia do *Taxus* e da nomenclatura científica fazer aqui um parágrafo ou dois para falar da importância de um revisor saber latim.

Já vou no corpo do texto e só agora me dou conta de que o *incipit* do artigo devia ter sido outro. De facto, devo o meu ofício de revisora não só às competências desenvolvidas no MEE, mas sobretudo às bases linguísticas, literárias e culturais adquiridas na licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa. Estudei, pois, durante vários anos, duas línguas vivas, mas esquecidas: latim e grego (*virá daí a minha atracção pela anatomia das letras? Uma certa voluptuosidade na caligrafia dos caracteres helénicos, no desenho das curvas do deleatur?*<sup>15</sup>).

Devia, pois, ter começado este artigo pela revisão em latim, porque foi precisamente nesta língua o meu primeiríssimo trabalho como *freelancer*. Um discurso em latim (oração conimbricense quinhentista em louvor das artes e das ciências) tinha sido digitalizado e tecnologicamente convertido, de mapa de *bits* em texto, num documento Word através de *software* OCR. Como seria de desesperar, estava pejado de gralhas e letras trocadas, que a acuidade óptica das máquinas é duvidosa e os conversores informáticos pouco sabem de latim. Por isso, entre outras maldades<sup>16</sup> e distorções, a cada passo, tais tecnologias convertem a latina letra *lê* (l) no arábico algarismo 1 (*se este texto for impresso em certas fontes serifadas, talvez o leitor incauto nem dê pela subtil diferença, mas ela está lá...*). Foi, pois, trabalho moroso e penoso, em confronto linha a linha com o original, numa revisão a dedo,<sup>17</sup> para expurgar o documento Word de todas as letras cegas, cortadas, trocadas, invertidas e travestidas de algarismos, e até de símbolos inauditos e anacrónicos que, não raro, brotavam no texto latino convertido pela tecnologia. O Diabo esconde-se nos detalhes e... na anatomia dos tipos.

Foi assim que começou a minha primeira aventura pela selva textual e a revisão de texto: pela *typographia* e pelo latim, antes ainda de iniciar a viagem, tantas vezes prazerosa, pelos romances da Civilização, de que falei *supra*.

<sup>15</sup> «Sim, o nome deste sinal é *deleatur*, usamo-lo quando precisamos suprimir e apagar, a própria palavra o está a dizer, e tanto vale para letras soltas como para palavras completas, lembra-me uma cobra que se tivesse arrependido no momento de morder a cauda [...] faça-me aí o desenho, mas devagar, É fácilimo, basta apanhar-lhe o jeito, quem olhar distraidamente cuidará que a mão vai traçar o terrível círculo, mas não, repare que não rematei o movimento aqui onde o tinha começado, passei ao lado, por dentro, e agora vou continuar para baixo até cortar a parte inferior da curva [...]» (José Saramago, 2014: 9).

<sup>16</sup> Já anteriormente referi que muitos textos passados por OCR convertem um “como” num diabólico “corno”. Qualquer dia, a caça à gralha actualiza-se em caça ao corno.

<sup>17</sup> Revisão a dedo — Tipo de revisão tipográfica na qual o revisor corre os dedos pelo original enquanto verifica se não houve omissão ou erro nas palavras. (Faria & Pericão, 2008: 1087).

Mas também nestas obras o conhecimento das línguas e culturas clássicas se revelou fundamental na revisão da tradução: o Teatro de Pompeu (localizado em Roma) não pode confundir-se com o Teatro de Pompeios!<sup>18</sup> Nem a pioneira Lei das Doze Tábuas pode alguma vez passar na tradução como Lei das Doze Mesas... (*pero que las hay, las hay!*). Revisor: ofício de bastidor!

Convém ainda um outro parágrafo, mais terminológico, para salientar a importância destas línguas esquecidas e relegadas (*revogadas?*), apesar de inesgotáveis, plásticas e proteicas (*sim, sim, proteicas, adjetivo derivado do polimórfico Proteu*). Que o digam os dicionários de termos médicos, aos quais, como revisora, tantas vezes preciso de recorrer, quando tenho em mãos *curricula* e artigos da área da medicina. É que todos os médicos sabem localizar o hímen, mas poucos sabem onde (não) pôr o hífen: pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico<sup>19</sup> (*assim mesmo, sem hífenes, no novo ou no antigo AO*). Revi, uma vez, um relatório curricular de uma médica especialista em Fisiatria, descrevendo vários internatos em Ortopedia, onde, a cada passo, as rasteiras do hífen insidioso provocavam fracturas expostas nas palavras e nas maleitas osteomusculares. Para as reabilitar, a médica de Ortopedia ajuda à Ortografia.

Como escrevi *supra*, o latim e o grego são línguas proteicas, porque os radicais gregos e latinos são as células com que se combinam e constroem multiformes neologismos científicos, *e.g.* nos termos da medicina. E aqui está outro nicho de mercado para revisores: os extensos relatórios curriculares de médicos a concluir o internato. São bons clientes: os médicos sabem que lhes curamos os males da escrita. E é trabalho radical rever terminologia médica e saber combinar radicais gregos e latinos: pneum-; cardi-; hemo-; hepat-; -emia; -ite; -paresia; -reia. O espectro é vastíssimo, do ótico ao óptico, da anacusia à logorreia.

<sup>18</sup> Cf. Monteiro (2009): «São necessárias três características para a execução da revisão. Primeira: possuir-se uma boa cultura geral. Quanto mais assuntos se dominar, mais erros de conteúdo se detectará [...]. Segunda: ter-se uma elevada capacidade de concentração. Ao rever, é preciso ler simultaneamente com um duplo olhar: o olhar da forma, atento à vírgula que falta, e o olhar do conteúdo, que exclama 'eureka!' quando a personagem que era coxa, a certa altura da narrativa, desata a correr mais do que as outras. Um revisor assemelha-se, neste sentido, a um trabalhador numa torre de controlo – a sua concentração tem de ser absoluta e ininterrupta, porque a mínima distração será fatal. Terceira: conhecer-se as leis e os processos da linguística, e, ainda assim, manter-se sempre a humildade de consultar todos os manuais de gramática e todas as doutas opiniões.»

<sup>19</sup> Doença pulmonar provocada pela aspiração de cinzas vulcânicas.

## 5. Entrelinhas: língua textual portuguesa para surdos

Um dos desafios mais difíceis e exigentes que tive de ultrapassar foi a revisão de uma dissertação de mestrado, em Direito, para publicação numa colecção de monografias jurídicas. Quando aceitei o trabalho, proposto pela editora, desconhecia por completo quem era o autor. Estava habituada à linguagem jurídica, pois fizera estágio na Almedina e já tinha no meu portfólio a revisão de algumas teses de doutoramento em Direito. Mais um trabalho jurídico, pensei. Por norma, os juristas redigem bastante bem, sem grandes problemas de sintaxe, e as teses em Direito não costumam exigir-me muita intervenção. Aceitei o trabalho sem reservas e sem mais perguntas, além do tema: a obra versava sobre os direitos das pessoas surdas.

Ao cabo das primeiras páginas, e de sucessivos tropeções na leitura, a cada passo cheia de escolhos e hiatos, comecei a perceber que os erros do texto eram completamente diferentes dos habituais: não eram gralhas, nem problemas de ortografia, nem os erros mais frequentes – eram, pelo contrário, muitas falhas ao nível da sintaxe – algo pouco habitual entre os juristas, hábeis que são na construção frásica e nas anástrofes. Deparava-me com a sistemática falta ou até utilização errada de preposições e conjunções e constantes problemas de morfologia (ao nível da concordância em género e em número). Pelo seu carácter sistemático e recorrente, percebia-se que tais falhas não eram fruto de mera distração... Dir-se-ia resultado de um parco domínio da língua! Não fosse o nome do autor ser português e eu suporia tratar-se de um estrangeiro a redigir numa língua que não era a sua...

À medida que fui avançando na revisão, deparei-me com várias situações de completa incapacidade, da minha parte, de compreensão de muitas frases e até parágrafos. Precisava de falar com o autor, embora tal comunicação não seja prática comum quando o trabalho nos é entregue pela editora. Contactei a Almedina para sondar da possibilidade de me facultarem o telefone do jurista, a fim de desenredar a redacção de alguns trechos do texto. Pois bem, ainda que me pudessem facultar o telefone do autor, não me seria possível falar com ele: padecia de anacusia, ou seja, era surdo! (*corrijo: pessoa surda, como aprendi na sua obra*). Conclusão: conversa com o autor... só por escrito.

Emudeci. O meu pensamento imediato foi: “olha o Labirinto em que me vim meter!” Porque não suspeitara logo, pelo título da obra – *Os Direitos Fundamentais das Pessoas Surdas* –, que o autor podia ser, ele próprio, uma pessoa surda?! Era gato escondido com rabo de fora, mas eu nem desconfiei... (*e ainda dizem que os revisores são especialistas em detectar gatos*)... Tive vontade

de desistir, confesso, ante a dificuldade – e o prazo! – do trabalho (*seria melhor escrever trambolhão?*) que tinha pela frente!

Mas havia um compromisso a cumprir. E, depois de dormir sobre o assunto, o segundo pensamento foi já diferente: “Que desafio para um revisor! Que responsabilidade perante os leitores!” Que missão cívica, afinal de contas! Era notável e muito louvável que alguém surdo, cuja língua materna não é, de todo, o português – mas sim a língua gestual portuguesa –, tivesse arriscado redigir numa língua que nunca ouviu e cuja gramática não assimilou, naturalmente, na infância! Pressenti aqui, neste autor surdo, o maior desafio profissional enquanto revisora. Para comunicar com o autor, eu não teria outro recurso senão recorrer à minha capacidade de ler nas entrelinhas e socorrer-me da linguagem textual portuguesa, com comentários em vaivém à margem do texto, num diálogo escrito de tentativa e erro para chegar ao pensamento do autor. Depois desta experiência, que veio a ser bem sucedida, lembrei-me mais uma vez do que escreve Monteiro (2009), no texto já citado:

O revisor é, no fundo, o escritor da sombra, o duplo do actor de cinema que entra em cena quando este não está preparado para o salto. Dependendo da margem que as editoras e os autores lhe concedem, dependendo também do seu perfil – mais ou menos intervencionista –, ele pode ser um mero reparador de erros ou alguém que reescreve frases, embelezando-as. Sim, o bom revisor deve amar as palavras. Não ser apenas um engenheiro ou um contabilista das mesmas. Só amando as palavras, as poderá lascar, aparar, envernizar, polir, perfumar. Seria interessante publicar-se um livro de um grande escritor em estado de pré-revisão, de modo que os leitores compreendessem a importância do revisor.

## **6. Notas de fim: gralhas e grifos, gatos e lincês... e outras espécies de faina**

Convém aqui um ponto da situação: revisão em latim, provas tipográficas, revisão de tradução, obras de ficção e manuais escolares, *curricula* de médicos e conversa de surdos. Ficou ainda por explorar uma lista variada de tipologias de edição (e de revisão) ao longo de 10 anos desta minha faina: dissertações, teses e actas; monografias e livros de fotografias; edições académicas colectivas e autopublicações para o ego; escritos de aspirantes a escritores e obras premiadas traduzidas; livros infantis e livros para ajudar a envelhecer; relatórios de polícia

e documentos oficiais com selo de apostilha<sup>20</sup>; catálogos de museu e atlas de paisagens; regimentos do séc. XVI e *websites* do séc. XXI; periódicos e tabelas periódicas; etc. (*seguido de ponto de abreviatura e nunca de reticências*). A enumeração de tipologias poderia prosseguir, mas decerto enfadaria o leitor, ainda que não o enfadasse...

Neste ponto do percurso, um olhar *à vol d’oiseau* sobre o meu ofício leva-me a concluir sobre uma certa biodiversidade no meu trabalho. E não se trata só da (a)variada fauna que anima a gíria tipográfica, que explicito para leitores menos aclimatados ao *habitat* editorial.

GATO – Erro de impressão. Gralha tipográfica. Lapso.<sup>21</sup>

GRALHA TIPOGRÁFICA – Erro de impressão que consiste em colocar uma letra ou um sinal no lugar de outro. Gato. Erro.<sup>22</sup>

GRIFO – Tipo de letra itálica, inclinado, assim chamado por ter sido empregue por Sebastiano Grifo (1491-1556). Grifa. *Ver* itálico.

LINCE – conversor para a nova ortografia. Ferramenta de apoio à implementação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que converte o conteúdo de ficheiros de texto.<sup>23</sup>

A verdade é que comecei o meu percurso de revisora pelas gralhas tipográficas, pela caça ao gato e o respeito ao Lince, detectando grifos aqui e além, e mal suspeitava que, dez anos depois, viria a trabalhar com textos sobre as gralhas ornitológicas e outras centenas de aves e mamíferos, em textos com a abundantíssima fauna e flora que povoam as paisagens literárias de Portugal. Mas já lá vamos. A coesão textual deste artigo – e a coerência do título com o seu miolo – impõe que eu faça aqui uns parágrafos sobre as gralhas.

Mal-amadas por muitos, eu gosto delas! Gosto das gralhas! Das do linótipo e das de Lineu<sup>24</sup> – das tipográficas, que caço e são o meu ganha-mão,<sup>25</sup> e das

<sup>20</sup> Mantenho, há alguns anos, uma parceria com uma tradutora certificada na tradução Dinamarquês-Português. Depois de traduzidos, os documentos passam pelo crivo da minha revisão para garantir a adequação terminológica e a sua conformidade com o quadro legal português.

<sup>21</sup> Faria & Pericão, 2008: 589.

<sup>22</sup> Faria & Pericão, 2008: 600.

<sup>23</sup> URL: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/lince.html?action=lince&page=present>.

<sup>24</sup> URL: <https://www.viva.fct.unl.pt/aves/corvus-corone>.

<sup>25</sup> Mão e olho são os principais instrumentos de trabalho do revisor, secundados por caneta vermelha ou por rato de computador (o que faz da revisão uma fábula em que é o rato a caçar o gato!). Tendinite da mão é maleita recorrente deste ganha-pão.

ornitológicas, que grasnam, gralham, crocitam e cascalham, mas que também dão asa (*melhor que azo*) a fabulosos voos na literatura. Não sendo uma ave de eleição dos escritores, que as tomam por funestas e agoirentas, alguns dedicaram-lhes mais do que umas breves linhas, ainda que nem sempre simpáticas. Afonso Reis Cabral (2015) escreveu uma crónica, intitulada «As gralhas»,<sup>26</sup> de que gosto especialmente pelo jogo do símile, da metáfora e da polissemia:

Das três espécies de gralha que habitam em Portugal, está por definir qual é a mais comum.

No litoral do Alentejo, vemo-las em bandos, mais em terra do que no ar. [...] Só encontro paralelo noutra espécie de gralha, que se estendeu além do Alentejo, nidificando onde calha. E calha sempre em qualquer texto. Mesmo numa crónica. Atacam a escrita como as colheitas, mas, ainda que as procuremos com a obsessão do agricultor, elas insistem, pequenas quando procuradas e grandes quando achadas.

A caça às gralhas devia dar paz, como se apanhá-las assegurasse, pelo menos, algo certo e pacífico no texto. Só que nada é pacífico no campo da escrita.

Ao encontrá-las, levantam voo e poisam noutra letra, aninhando-se. Procurá-las implica a compreensão do voo e dos hábitos de predação. Onde poisam, comem e esgravatam. Porém, quando se pensa que o texto foi finalmente catado dessa ave, ela volta num pairar que quase não toca nas palavras, e mesmo assim as descompõe.

Neste texto, com subtil maestria, passamos da ave à *gaffe* num movimento quase imperceptível. Comigo, deu-se precisamente o contrário, e de forma muito mais prosaica: da *gaffe* à ave. Nos últimos anos, fiz um voo de arribação da tipografia à ornitologia. O meu ofício venatório (*vexatório para alguns...*) de caça-gralhas abriu-me as portadas (*evitemos o lugar-comum*) para trabalhar na revisão ortográfica de excertos que descrevem a avifauna e demais biodiversidade do Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental.<sup>27</sup>

Explico melhor: depois de uma década como *freelancer*, leia-se: de trabalho avulso e precário precário (*a diferença que faz uma minudência, hein?!), a varrer e a limpar (consertar seria o termo mais apropriado) monografias, teses e dissertações de um crescente mercado estudantil em fraco (não confundir com*

<sup>26</sup> URL: <https://observador.pt/opiniao/as-gralhas/>.

<sup>27</sup> URL: <https://ielt.fcsh.unl.pt/Projetos/atlas-das-paisagens-literarias-de-portugal-continental/>.

*franco*) crescimento no domínio da língua escrita, num quotidiano que era já quase de ramerrame... Eis que surge a oportunidade de trabalhar, como revisora de texto, com uma bolsa de investigação, na base de dados do projecto LITESCAPE – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental. Paisagens, fauna e flora inesgotáveis. E, finalmente, textos que são *opera prima!*

Trabalhar no Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental tem sido um verdadeiro privilégio, um bónus. «É gozar do prazer de passar os dias a ler e ainda ser pago por isso», como diria Monteiro (2009). Contudo, prossegue, «há um corolário nocivo a que dificilmente qualquer revisor escapará: o seu olhar de leitor será contaminado pelo seu olhar de revisor. A fruição da leitura ressentir-se-á do seu sempre atento olho de lince.» Para mim, aqui está o grande ónus deste ofício. Quando lemos, há sempre um neurónio-sensor que, por defeito, activa um impulso censor. Ainda assim, não deixa de ser um imenso deleite rever os excertos, na base de dados do LITESCAPE, de Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Alves Redol, Irene Lisboa, Rodrigues Miguéis, Rentes de Carvalho, Urbano Tavares Rodrigues, *et cetera*.

Deixemos que, de novo, as gralhas poisem neste texto. Não só porque grande parte do meu trabalho actual consiste na revisão de excertos sobre aves e demais fauna das paisagens literárias de Portugal, como também porque, depois de as descobrir na literatura, hoje as vejo com outros olhos, além dos de lince. Devo a Irene Lisboa (1997: 186) uma nova perspectiva sobre esta ave: «As gralhas, entretanto, soam alto; desferindo aquela cascalhada prazenteira, que tão bem se ajusta ao tempo luminoso e quente. Que lindos dias Agosto nos vem oferecendo! [...] E tornam-se a ouvir as gralhas, um pássaro esquivo mas agradável.» Partindo deste excerto, há um interessante texto na revista *Wilder* sobre a representação das gralhas na literatura. A releitura desta ave – tão polissémica quanto simbólica – à luz daquele excerto e desta crónica (Constâncio, 2020), que associa as gralhas à labuta feminina,<sup>28</sup> fez crescer em mim a vontade de lhes reabilitar as conotações e de as elevar, de desprezíveis e indesejáveis, a título do texto.

Hoje é esta a minha faina: rever (e analisar) excertos sobre fauna e flora, descrições de paisagem natural e social, introduzidos por vários colaboradores numa gigantesca base de dados literária. Como muitos dos excertos foram introduzidos recorrendo à tecnologia OCR, é muito frequente avistar nos textos

<sup>28</sup> «Cirandando pelos ares, enchendo o espaço mudo e abrasador com uma toada vigorosa – aquela sonoridade indiscreta que as caracteriza –, as gralhas associam-se à época das malhas e fazem companhia às mulheres».

gralhas que «soam alto» – para mim, são sempre uma «cascalhada prazenteira», sejam as do reino da *typographia*, sejam as do reino alado.

## 7. A terminar: o prefácio

Poderia ter começado por aqui, por este preâmbulo: o presente texto não pretende ser um artigo académico, nem um artigo de revisão, nem um *paper*, nem algo de tipologia editorial equivalente. Este texto não pretende ser mais do que uma revisão de vida... e um exercício de gratidão – devo-o ao Mestrado em Estudos Editoriais e à Professora Cristina Carrington. E é como um testemunho e como um exercício que deverá ser relido. É este o ponto de partida.

Enquanto testemunho, procurei plasmar no texto não só os conceitos aprendidos em todas as disciplinas que conformavam o *curriculum* do MEE, como arrisquei, até certo ponto, tentar reproduzir – na escrita – não as sinalefas que a mão do revisor tatua no corpo ou na margem do texto, mas alguns dos processos mentais, dos solilóquios, que me ocorrem na consciência quando estou a rever um texto, seja prova tipográfica, seja em ficheiro digital.

Enquanto exercício, subjaz ao texto uma intenção lúdica, mas também pedagógica, jogando com o horizonte de expectativas do leitor e os pressupostos do aspirante a revisor. É por isto mesmo que, intencionalmente, subverto as convenções e deixo este prefácio para o fim, como convite provocatório a que o leitor, agora que termina a leitura do texto, volte ao início, para fazer a sua revisão, à procura da gralha esquiva ou altissonante, e em busca de outras subtilezas que só se lêem nas entrelinhas.

Rever um texto é sempre proveitoso, seja pelo que se aprende com as suas qualidades, seja pelo que se descobre com os seus defeitos. À procura da gralha e do erro, vim a descobrir toda uma jubilosa avifauna nos textos de Aquilino. E com ele termino. Eu vou com as a√es!

Suspendeu-se a espécie de serenata que as gralhas vêm dar sobre a povoação, muito de alto, em grande arraial, novidade ornitológica que não sabemos desvendar. Costumam chegar ao lusco-fusco e, depois de suas volatas e sarabandas, escorregam de asa veloz, como galés impelidas em sua vela por um vento fagueiro, para outras plagas.<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Ribeiro, 1964: 177.

\* Por decisão pessoal, a autora do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.

## 8. Referências bibliográficas

- ALFARO, J. C. (2009). Algumas linhas sobre a nobre profissão de empregado de limpeza (a quem alguns também chamam escravo, capacho ou revisor), *B: MAG – Booktailors Publishing Magazine*, 1, pp. 40-41.
- CABRAL, A. R. (2015). As gralhas, *Observador*, 14.07. URL: <https://observador.pt/opiniaio/as-gralhas/>.
- CONSTÂNCIO, N. (2020). A cascalhada prazenteira das gralhas, *Wilder*, 14.08. URL: <https://www.wilder.pt/cronicas/a-cascalhada-prazenteira-das-gralhas/>.
- FARIA, M. I. / PERICÃO, M. G. (2008). *Dicionário do Livro: da escrita ao livro electrónico*. Coimbra: Edições Almedina.
- LISBOA, I. (1997). *Crónicas da Serra*, Lisboa: Editorial Presença [1.<sup>a</sup> ed. 1960].
- MONTEIRO, M. M. (2009). O que é isso de ser revisor?, *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 15.09. URL: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/o-que-e-isso-de-ser-revisor/2116>.
- RIBEIRO, A. (1964). *Aldeia. Terra, gente e bichos*. Lisboa: Livraria Bertrand [1.<sup>a</sup> ed. 1946].
- SARAMAGO, J. (2014). *História do Cerco de Lisboa*. Porto: Porto Editora [1.<sup>a</sup> ed. 1989].

## ¶ Errata

Para auxiliar o leitor no processo de revisão, a consulta da errata poderá ser profícua.

### Onde se lê:

devida  
folha de rasto  
bicha técnica  
epígaffe  
corpo do teixo  
língua textual portuguesa  
outras espécies de faina  
a terminar: o prefácio

### não deve ler-se:

de vida  
folha de rosto  
ficha técnica  
epígrafe  
corpo do texto  
língua gestual portuguesa  
outras espécies de fauna  
terminar: o posfácio

TÍTULO: Há uma gralha no meu texto! – da *typographia* às *a*ves numa revisão... devida

RESUMO: O texto que se apresenta conta a história, em jeito de testemunho, de uma década de labor e desafios como revisora de texto.

TITLE: There is a typo in my text!

ABSTRACT: The text that is now presented tells the story, as a testimony, of a decade of work and challenges as a proofreader.